

FUNDADOR — PADRE AMÉRICO



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS PROPRIEDADE DA: «OBRA DA RUA» REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO

Casas para trabalhadores

Não basta o amor e uma cabana.

A vida é muito diferente do que julgamos quando temos dezasseis ou dezoito anos. Nos tempos que correm tudo é precoce: a inteligência, o desenvolvimento físico, os namoros. Muitas vezes são as mãezinhas e também as tiazinhas. O menino e a menina ainda se não sabem vestir nem pentear e já estão um para o outro. Ao princípio, a família achou muita graça e depois o casamento teve que se abreviar.

Ora constituir uma família não é brincadeira qualquer. Ao contrário, exige uma formação, exige alguns bens materiais ou, ao menos, uma possibilidade viável de os adquirir. A filosofia romântica do amor e da cabana tem lançado muitos lares na dissolução e muitos filhos na rua. Fé será uma coisa e presunção de vencer as dificuldades, sem em-

pregar os meios necessários é outra.

Não podemos — mas de maneira nenhuma — cair no vício oposto, também muito perigoso: a excessiva prudência, o medo dos encargos familiares.

Nem irresponsabilidade, nem cobardia. Hoje fixamos a nossa atenção no primeiro destes perigos. Há jovens de dezasseis, dezassete e dezoito anos que nunca souberam o que era a virtude da economia, que gastaram absolutamente tudo o que ganharam, jovens que não têm mais dívidas porque não tiveram quem fiasse mais deles, jovens sem dinheiro, sem crédito e sem qualidades de trabalho e de renúncia, que estão mortinhos por se casarem.

— Não temos bens, mas não importa. Havemos de dar-nos admiravelmente, diz um.

— Há-de ser o que Deus

quiser, diz o outro.

Mas depois mandam-se os filhos às sopas, aos patronatos, às cantinas, aos asilos, às Casas do Gaiato. Mas como estas soluções só abrangem uma pequeníssima minoria, lá está a rua para receber a legião de inocentes que, por isso mesmo, começarão péssimamente a vida.

— Então renunciar ao casamento?

— Não se trata disso.

— Adiá-lo para muito tarde?

— Seria a pior das soluções.

Há, sim, a necessidade de formar, de educar os jovens em ordem à importância e à seriedade destes problemas. Sobre tudo criar condições, dar oportunidades, organizar as coisas de maneira que o rapaz possa, desde cedo, pensar eficazmente, no seu lar, na sua casinha.

Tem que haver muitos rapazes que pensem na sua casa antes de principiarem o namoro. Então dirão: O nosso amor, a nossa casinha, e a nossa capacidade de sacrifício garantem uma família digna, uma família cristã.

Padre Fonseca

Campanha dos 50 Mil

Os senhores não julguem a Campanha adormecida. Não! É a história do costume; todo o mundo escreve... de maneira que algo se há-de sacrificar.

É tamanho o monte de notícias para dar a lume que até nos falta coragem para ordenar a papelada! Vamos lá ver se a gente consegue dar princípio, meio e fim a esta coisa.

Recebemos de Leopoldville, Congo Belga, uma carta mui simpática. A dita pedia uma quantidade de jornais «talvez 500» para serem distribuídos em uma festa na «Casa dos Portugueses», que julgamos haver sido realizada o mês passado. Nós queríamos ter tido lugar, na ocasião, para dizer da bellissima oportunidade em se angariarem, entre os festeiros, uma larga quantidade de novos assinantes, mas a Senhora D. Lucinda Vitória ainda lá está, logo é muito provável que indo este recado aquela nossa Amiga ache bem passar palavra e mandar pra cá mais uma data de assinantes. Temos em Léo tantos e tão bons Amigos!

As terras de Portugal con-

tinental, não há dúvida, são as que batem mais em presença. E não admira! Ele foi aqui — durante todo este tempo — uma verdadeira enxurrada. Quisemo-nos dar ao trabalho de contar, por terras, quantos assinantes vieram de cada uma, mas certo é que o tempo mai-la paciência faltaram, de tantas e tão diversas.

O Ultramar — talvez pela distância — quando chega é de a gente pular! Próquê os senhores vejam: só da Bela Vista — Huambo (Angola) tenho aqui na minha frente uma lista com 8 deles e «croas» à frente. Mais; isto para falar de algumas basto recheadas: o nosso Amadeu Mendes, no Luabo (Moçambique), não quis estar parado e tem feito muito barulho. O resultado ei-lo: 22 novos assinantes e «massa» à frente. Todos eles são colegas de trabalho na Senna Sugar States onde além do Amadeu temos o Teles mai-lo Carlos Gonçalves.

E as cartas? O que elas dizem!! Por tudo, demos graças a Deus e nada de esmorecer. Prá frente é o caminho dos cinquenta mil.

Júlio Mendes

Património dos Pobres

Desta vez foram dois giros grandes. O primeiro foi pelo Patriarcado. Começámos por Tancos, na freguesia da Praia do Ribatejo e juntinho aos Campos Militares. São já cinco famílias contentes, três delas de há pouco. No terreno fez-se um poço e há água suficiente. Dali fomos a Alcanena. O dia era escaldante, mas a nossa vida tem de ser de cruz, para melhor compreendermos a cruz dos nossos Irmãos Pobres. Em Alcanena são já onze e muito bem cuidadas. Na freguesia anexa são quatro

Fomos a Santarém e tomámos o rumo de Alpiarça. Aqui houve uma alteração na planta, mas agora vão mais depressa. Seguimos em direcção a Salvaterra de Magos onde o Pároco tem tudo preparado para andar com muitas. Depois passámos em Alhos Vedros e Baixa da Banheira, onde o Sr. Prior já vai a andar. Na passagem por Pinhal Novo fomos ver um grande terreno já dado para muitas casas e um Calvário. Partimos esperançados de ver a obra feita em breve.

No dia seguinte foi pela Costa do Sol. Nos pequenos areais das praias era um enxame de corpos ao tempo. É o triste sinal da nossa Época. A nossa



A bandeira do Património dos Pobres cresce. É a vez de Pintéus falar ao coração dos nossos leitores.

intenção e atenção era outra e dirigimo-nos para os arrabaldes dos aglomerados de casas. Começámos por visitar as quatro de Oeiras. A primeira espelhava de limpa e arrumada. As outras todas muito bem. Ao lado há mais terreno à espera. Seguimos para a Parede a visitar as quatro que foram entregues no primeiro domingo de Agosto. Todas elas são um encanto, mas a cozinha com a

Segue na página Três

Do que nós necessitamos

Eu tive sempre o Jornal como o maior peso da herança de Pai Américo. Afinal, eu não sabia nada e agora compreendo como lhe não custava escrevê-lo de ponta a ponta, assim o tempo desse. São as cartas a dizer a comunhão dos leitores na nossa vida. Somos nós, sem saber, a comungar na vida deles. E este fluido de que o Famoso é transmissor gera a grande família da Obra da Rua, nós mais os leitores, constantemente debruçada sobre assuntos que falam ao coração de todos, só por si, sem ser preciso nós rebuscarmos nem a matéria nem a forma do que escrevemos.

Leiam esta carta e chorem conosco, de suave e interior consolação, como costumava chorar o nosso que a subscreve.

«Sou de boa família, mas sem fortuna. Casei-me com dinheiro emprestado e a minha única riqueza são os filhos, tantos quantos os anos de casado, pois espero que Deus, como prenda de casamento, me mande o terceiro na ocasião de fazer três anos que me casei.

Comeci por ter um emprego muito bonito e agradável, mas que não dava para viver. Vim há pouco mais de um ano para aqui, em parte arrasta-

do por promessas que ainda não se cumpriram.

Tinha-me parecido que a única solução seria a Sorte Grande e estava resolvido a dispor de 100\$00 do ordenado que agora receberia, para comprar um bilhete.

Aconteceu que no domingo comprei «O Gaiato», como muitas vezes faço. Li-o sozinho, porque me faz sempre chorar, o que é uma vergonha. O artigo que conta a história duma mulher que precisava de 500\$00 para pagar ao senhorio iluminou-me.

Eu devo confiar muito mais na Providência Divina do que num bilhete da Lotaria. Os 100\$00 terão muito mais utilidade se servirem para pagar a assinatura de «O Gaiato». Aqui lhes mando.

Cristo disse: «Onde se juntarem dois em Meu nome, Eu estarei no meio deles». Por isso peço-lhe, encarecidamente, que reze um Padre-Nosso, como eu o farei, para que Deus leve o meu patrão a aceder a uma proposta que fiz, tendente a melhorar a minha situação. Eu estava para lhe perguntar a resposta, mas só o farei na segunda-feira, para ter a certeza de que V. Reverência leu esta carta e rezou o Padre-Nosso. Falar-lhe-ei cheio de confiança, porque sei que estarei bem acompanhado e porque

não quero mais que o bem estar da minha família.

E já outra carta, cheia do encanto virginal das crianças que no-la escreveram.

«Dez miudinhos que queriam ver a Obra do Pai Américo, resolveram com \$50 semanais poder ver satisfeito o seu ardente desejo e ainda oferecer por alma do saudoso Pai Américo 20\$00. São eles:

Maria Cândida, Natalinho, Bertinho, Isaac, Sílvio, Zeca, Tiago, Toninho, Armanda e Adélio».

Segue para a página DOIS

Composto e impresso na

Tipografia da Casa do Gaiato

PAÇO DE SOUSA

Do que nós necessitamos De como foi a nossa peregrinação a Roma

Um cheque de 100\$00 da Guarnição do «Carvalho Araújo». Foi em Luanda que eles se lembraram. Nem distâncias, nem ocupações quebram o amor verdadeiro. Não sei quem será o, ou os tripulantes, que sopram a fogueira deste amor, dado que eles volta e meia mudam de barco e a Guarnição deste aparece aqui muitas vezes. 65\$00 de três vendedeiras do Mercado do Bom Sucesso. Um viva também àquelas do Bolhão que encham de hortaliça e fruta e coisas boas o nosso Lar do Porto. 87\$20 de um operário da FAEL de Vila Nova de Gaia. De S. João da Madeira, em reconhecimento de uma graça 50\$00 e muitos outros donativos das mais variadas origens e com o mesmo título.

«Para valer à aflição de um Pobre» 100\$00. De Lisboa 1.000\$00 de alguém da IGICA. 1.547\$50 do «1.º ordenado de meu filho mais velho». Um amigo de Guimarães com o seu medalheiro e o seu maior desejo de tornar a Obra sempre mais e mais conhecida e amada. Vinte da «Avó de Moscaide». O mesmo de Portalegre. E outra vez de «uma Paroquia da do SS. Sacramento» a quem informo que o «Doutrinas» não tem preço, embora o Júlio simpatize com a tabela dos 20\$00. Cinquenta «para o que o Rev. do entender» no «dia da Natividade de Nossa Mãe Maria Santíssima». Outro tanto para a Johannisberg, da Celeste do Porto. Coimbra manda 400\$00, «que vai em nome de meu filho, de cinco anos, já que o outro foi no da minha filha de 9». Que felizes os filhos que as mães associam aos seus anseios de amor do próximo desde pequeninos. Felizes deles e da sociedade que os espera!

Todos os anos no Natal o «Clube Ginástico Português» do Rio de Janeiro costuma mandar 5 mil cruzeiros. Este ano vieram atrasados, pois quis trazê-los pessoalmente o Presi-

dente de Honra do Clube. Quinhentos e esta legenda: «Pensado em enviar ainda em vida de Padre Américo». Uma cruz de ouro, «em cumprimento duma promessa», 101\$40 por intermédio do «Comércio do Porto».

20\$00 «para os nossos Pobres» e o desejo de mandar este «poucoquinho» todos os meses. É a Rosinda, de Ilhavo.

Cem «por ter ficado aprovado num exame de promoção nos CTT». E seis vezes mais duma colega deste funcionário, por razão análoga. 50\$ de Relíquias. O mesmo da Alda de Vale de Figueira e o dobro do «Mondim», e trezentos de Lisboa «por uma graça para um sobrinho atacado de doença mental». Várias camisas «tadas tiradas» das Confeccções de Barcelos Lda. 120\$00 de uma prenda de anos da noiva ao seu noivo.

Muitas lembranças para os nossos Pobres do Barredo, Sr.ª Ana de Jesus e «para a Mãe do irrecuperável» quer em dinheiro, quer em roupas, de aquém e além mar.

116\$50 dum salgueirista. Muitos grupos excursionistas: «Caravana da Alegria» da Madalena; «Os mal julgados» de Matosinhos; os conhecidos «Amigos da Casa do Gaiato», do Carvalho com a sua cotização semanal de dois tostões, que agora somou 700\$00; «Os Unidos da Junqueira», Gaia; «Amor com amor se paga», de Espinho; «Os Amigos de Valadarez»; e os «Menores de Coimbra».

«O Pessoal telefonista da Picaria envia 1.000\$, amealhados durante alguns meses». Oh sabor!

Ajudantes de Despachante na Alfândega do Porto 400\$00. Vinte da Granja, de uma pobre criada. E metade, com esta declaração:

«Tenho 19 anos e praticamente é o 1.º dinheiro que ganhei na vida. É o produto da 1.ª explicação, de matemática, que dei a um rapazito e tive

Dizer-vos, caros leitores, que a viagem foi maravilhosa, não será necessário, porquanto muitos de vós já percorreram a Espanha, França e Itália. Eu gostaria de contar-vos todos os pormenores desta peregrinação, mas não me é possível devido à minha pouca experiência em escrever. No entanto, atrevo-me a descrever para vós e em especial para todos os meus irmãos das Casas do Gaiato, aquilo que mais chamou a minha atenção, como apaixonado das coisas divinas e humanas.

Eram 7 horas da manhã quando todos os participantes do norte nos reunimos na Igreja dos Congregados para assistirmos ao Santo Sacrifício da Missa. Tomaram parte muitos jocistas que a Roma não puderam ir, mostrando assim a camaradagem existente nos rapazes da JOC. Depois o embarque. Na Pampilhosa esperava um comboio especial que nos levaria à fronteira que liga Espanha à França:

tanta alegria ao receber o dinheiro, que logo pensei mandá-lo para aí, para o que for mais preciso (talvez a «Johannisberg?»).

É pouco, muito pouco, mas um dia será mais, se Deus quiser.

Uma repariga portuguesa.
Deus ajude esta «Repariga Portuguesa».

Hendaia. A viagem decorre da Pampilhosa a Vilar Formoso.

Depois das formalidades de fronteira lá seguimos pela Espanha. A primeira cidade que nos aparece e já à noitinha é Salamanca, com todo o seu ex-

quer coisa que nos faz movimentar. Grandes edifícios aparecem à nossa vista. É com certeza alguma cidade importante da Itália. Ainda não chegámos à estação e por isso não sabemos onde estamos.



Ó Cândido Pereira



...e o Carlos Manuel Trindade

plendor e beleza. Pena foi não a podermos visitar. O mesmo não aconteceu com a bela e maravilhosa cidade de S. Sebastian onde chegámos por volta das 7 horas e 40 m. Tivemos a manhã livre para visitarmos esta grande cidade e começámos, como não podia deixar de ser, pela assistência ao Sacrifício Divino na Catedral da cidade. Aos nossos olhos aparece-nos logo a mais formosa praia da Espanha, chamada «Concha». Subimos ao mirante para apreciarmos a grandeza e sumptuosidade de S. Sebastian. Espectáculo maravilhoso: cidade, praia, baía — formam um conjunto de rara beleza. Descemos e deslocámo-nos para a praia onde alguns tomaram banho, entre os quais estava o Sardinha e eu. Aproxima-se a hora da partida e é com pena que deixamos S. Sebastian. Eu quereria saber dizer das paisagens maravilhosas que em todo o trajecto se deparam aos nossos olhos, mas só um poeta caros leitores, vos poderia explicar.

Com o entusiasmo destas paisagens nem deusos pela aproximação da grande cidade de Bordéus. Não tivemos tempo de a visitar porque nos dirigimos imediatamente para os boteis onde nos foi servido o jantar que muito bem nos caiu. Pernoitamos e no dia seguinte, quinta-feira, partimos a caminho de Ventinilla, fronteira franco-italiana, onde chegámos às 21 horas. São 10 h. e vamos rezar o nosso Terço, como todas as noites, cada grupo em seu compartimento. Os jocistas não se esquecem dos seus deveres de bons cristãos. A viagem continua agora pela Costa Azul e Riviera Italiana. É pena ser noite porque assim não podemos apreciar a maravilha que a Natureza nos oferece. Mas uma viagem é assim mesmo. Nem tudo pode ser visto de dia. Agora alguns tentam dormir um pouco, porque são horas. Silêncio absoluto no comboio. O dia começa a clarear e os jocistas a levantar-se e preparar-se, porque se divisa ao longo qual-

O comboio continua a grande velocidade. Há agora grande entusiasmo entre os peregrinos e o trem diminui o andamento. Ouve-se vivas a Cardjin e à JOC. O comboio parou. ROMA! Precisamente amigos leitores, chegámos a Roma às 7,40 da manhã do dia 23 de Agosto de 1957, três dias depois de partirmos de Portugal.

Cantámos mais uma vez o Hino Nacional, mas agora com mais entusiasmo. Esta é a cidade Eterna, Centro Mundial da Cristianidade, onde os jocistas de todo o mundo disseram, com Fé e entusiasmo: PRESENTE!

Éramos 30.000 jovens operários que viemos a Roma implorar a Sua Santidade que interceda por nós junto de Cristo Nosso Senhor, para que a JOC seja mais firme, mais pura e mais santa. Foi com este propósito que nos aproximamos da Basílica de S. Pedro no dia 25 de Agosto de 1957. Antes, porém, quero narrar-vos alguns acontecimentos.

Tudo o que há de belo e grande na arte, religião e história, existe nesta grande capital da Itália. Por isso fomos ver com os nossos olhos todas essas maravilhas de arte. Por volta das 17,30 assistimos a um espectáculo de folclore internacional, de jocistas, para jocistas. Meus olhos já mais viram tão belo espectáculo. Danças lindíssimas se executaram no paleo do teatro em ruínas de Caracala. Cenário de sonho, canções ainda mais e recitações que nos deixaram boqueabertos.

No dia seguinte continuámos a visita livre à cidade e nós aproveitámos para fazer algumas compras que seriam benzidas por Sua Santidade. Neste mesmo dia à noite tivemos a velada. 30.000 peregrinos se juntaram na Praça do Coliseu de Roma, onde milhares e milhares de cristãos foram devorados pelas feras por ordem de imperadores cruéis e ímpios. A praça encontrava-se cheia como naquele tempo, mas agora com propósito diferente. Dantes assistia-se ao martírio dos

Vai para a página seguinte

malfeitor, porque o fado o quis, mas porque a si mesmo se fez. Ninguém vadia, porque a sorte não deu asas para mais. Somos o que quisermos ser, ainda que limitadamente, porque muitas vítimas são de abuso da liberdade de outros. Isto mesmo é tema insistido e repisado a todo o passo por nós. Sem este respeito sagrado pela liberdade, nunca a Obra da Rua poderia assentar sobre a grande base da confiança no rapaz. E nunca teria colhido frutos compensadores.

Após o desabafo, segue a romagem da multidão amiga e constante a amenizar.

Na dianteira vão promessas sorrateiras, de 150\$ para o Calvário e 500\$00 para a Casa. Viúvas com 10\$00.

A Associação Protectora da Primeira Infância apresentou-se solidária com desejo de cumprir o fim a que se propôs. Na

Aos Prazeres, mobílias aproveitáveis. Na Rua José Estevão mais roupas.

Mais donativos de 400\$00, 440\$, 70\$. Assinaturas pagas com notas de cem, cinquenta e vinte. Para o mesmo efeito um Senhor do Brasil enviou 250\$00. Promessa de 50\$. Na esperança de que se satisfaça um anseio, «50\$00 para o que mais precisa, duma portuense».

A Câmara do Seixal impôs-se um subsídio anual de 500\$00. Quem quiser imitar saiba que eles são de todas as Câmaras de Portugal, do Minho ao Algarve.

Não pode faltar a Mobiloil com depósitos de 2.382\$ e 1.161\$00.

No altar deste santuário de almas as promessas afluem constantes. Mais outra de 500\$, «para uma obra que considera de grande alcance social».

O grupo excursionista do Banco E. San-

to na derradeira etapa dumas férias recolheu-nos 95\$00 mais 120 pesetas. Deus os conserve unidos.

Um Manuel por alma de Pai Américo, 20\$00. Por alma de Hermínia, 600\$00.

No Montepio, três fatos novos, lençóis, camisas, calçado.

Em S. Roque, pertinho do Tojal, uma nota de mil.

No Lar outra vez nos procuram para entregar trinta contos com destino ao Património dos Pobres.

Com Deus não se fazem negócios! Mas alguém profia em enviar-nos «o meu terceiro aumento de 500\$00». Um amigo do Senhor Padre Carlos 50\$00.

A Assistência pagou-nos a renda do Lar, três contos mensais.

O peditório na Parede somou 2.353\$00. Nas Caldas da Rainha, 4.581\$00.

E foi tudo desta vez. Bem hajam.

Padre Baptista

O que nos dão no Tojal

DEM DA PAGINA QUATRO

despedida em cordial aperto de mão encontrámos 500\$00.

Na Igreja do Bairro da Encarnação preçamos os Pobres e colhemos 1.269\$00.

Os empregados do Crédito Predial tornam com 150\$00. O pessoal dos Produtos Lácteos com 173\$ mais 160\$00.

A Arquiconfraria de S. Julião entrega 540\$00. A D. C. P. Automóveis, 32\$. No Banco de Portugal lenha para o fogão. Quem consome uma tonelada por semana não queda de pedir. Quem dá mais?

Na romagem vai o trabalho desinteressado e muito proveitoso da debulha do trigo, mais o cuidado dele ao longo da temporada. Bem haja Senhor Rodrigues.

Quinhentos escudos para uma assinatura. Em Lisboa, roupas e calçado. Duas palavras a incluírem montes de embrulhos que os vendedores acarretam.

No Lar, donativos de 20\$00, 30\$, 50\$, 100\$; para a conferência 20\$00 • 100\$. Assinaturas pagas, 140\$00.

De como foi a nossa peregrinação a Roma

VEM DA PÁGINA ANTERIOR

cristãos. Agora prestava-se homenagem cristã àqueles que naquele lugar e há muitos séculos foram martirizados. Prestava-se homenagem também ao príncipe dos Apóstolos, S. Pedro, que não se achando digno duma morte como a do Seu Mestre Jesus, pediu para ser crucificado de cabeça para baixo.

Estamos agora no dia 25 que é considerado pelos jocistas de todo o mundo o «Grande Dia». De manhã foi celebrada Missa na Basílica de S. Pedro para todos os jocistas que tomaram parte no Congresso Internacional da JOC. Muitos sacerdotes distribuíram a Comunhão pela grande Basílica e estenderam-se até à Praça, porque nem todos couberam dentro da Basílica. Mons. José Cardijn falou para nós.

Por volta das 15 horas estávamos reunidos de novo na Praça de S. Pedro para nos prepararmos para a audiência de Sua Santidade. Houve uma representação real da forma como se trabalha nas fábricas e oficinas, dadas por jovens trabalhadores, num palco construído no meio da Praça. Este acto comoveu-nos profundamente, chegando até a correrem lágrimas que teimavam em sair dos nossos olhos.

E agora caros leitores, queridos irmãos gaiatos, aproxima-se o momento culminante da nossa Peregrinação. Vai chegar à Praça de S. Pedro, Sua Santidade o Papa. São precisamente 16,36 quando se ouvem os tambores e logo atrás, na sua cadeira gestatória, o representante de Cristo na Terra. O entusiasmo não tem limites! Ouvem-se fortes gritos de aclamação a Sua Santidade. Todos se sentem fortes para poderem gritar bem alto e com Fé o nome querido do Chefe da Igreja. Deus lá no Alto está feliz com os seus filhos que dão pela JOC todo o seu Amor, Fé e Entusiasmo de jovens Católicos. Passa neste momento no lugar onde me encontro e vejo como que uma visão Celestial diante dos meus olhos. Não pude deixar de gritar bem alto e dar três vivas a Sua Santidade e a Portugal para que Ele soubesse que ali, pertinho d'Ele, estava um punhado de Portugueses que a Roma se deslocaram para O aclamarem e agradecer-lhe todo o bem que nos tem feito e todo o carinho que dedica à JOC de todo o Mundo.

Neste momento o Santo Padre já se encontra no seu trono e vai falar aos jocistas. Entretanto a Praça apresenta um aspecto deslumbrante. Vêem-se ao longe bandeiras de todos os países: Portugal, Itália, França, Espanha, Bélgica, Austria, Holanda, Inglaterra, Brasil, etc. etc. Espectáculo inesquecível!

Eram precisamente 18 horas e 26 m. quando falou em língua Portuguesa. Todos os portugueses, incluindo províncias ultramarinas e ilhas, e brasileiros, deliraram ao ouvirem a sua língua da boca de Sua Santidade. Continuam cada vez com mais fé e entusiasmo os vivas ao Primaz da Igreja Universal. Sua Santidade vai dar a bênção Papal. Si-

lêncio na Praça de S. Pedro. É o momento mais solene da nossa vida: receber a bênção do Santo Padre. A Bênção de Sua Santidade atinge todos aqueles que trazemos no nosso coração. Por isso toda a nossa Obra, a minha família e as pessoas que me são queridas receberam a bênção do Santo Padre, porque a todos eu trazia no coração.

Terminada a cerimónia todos nos retiramos para os hotéis. No dia seguinte foi a visita oficial à capital da Itália com guias intérpretes. Vimos o que de mais belo possui Roma.

Cândido Pereira

O AUGE DA PEREGRINAÇÃO

A Praça de S. Pedro estava repleta de gente que se estendia ainda ao longo da avenida central em frente da Basílica, encontrando-se muitas pessoas nos terraços dos claustros. Fazia muito calor, devido também ao ambiente quente de entusiasmo e emoção. Eu não podia dar um pequeno passo. Nós, os portugueses, havíamos chegado em desfile imponente, que tinha partido do Palácio da Justiça, cantando hinos jocistas mais ou menos intercalados com o Hino Nacional. Na Praça de S. Pedro, a sessão principiou com uma parte folclórica realizada num palco armado em torno do obelisco. A grande hora aproxima-se. O Santo Padre ia aparecer à multidão; ia falar à Juventude Trabalhadora do Mundo inteiro; ia dar a bênção a Seus filhos.

Ao ser anunciado este momento, o coração bateu fortemente num impulso de ansia indiscreta; num desejo tão ardente que, olhando para o local de onde Sua Santidade devia aparecer, parecia já vê-lo antecipadamente. Momentos depois, eis que surge por entre as colunas uma figura branca. O entusiasmo chegou então ao auge. Qualquer coisa de extraordinário se passou entre os circunstantes, que só quem presenciou pode compreender.

Na verdade (porque eu falo daquilo que vi e senti) este não sei quê de extraordinário que se passa e se sente é uma prova, ou melhor, é efeito, devido à presença palpável, visível e real de Cristo no seu Vigário.

Levado na Sua cadeira, foi circundando o obelisco, saudando e abençoando a multidão que vibrava de entusiasmo, acenando lenços e soltando vivas que não mais acabavam. Ao passar junto dos Portugueses, foi a nossa vez. Em barulho e entusiasmo os portugueses, apesar de haver países com muito maior representação, foram os que bateram o record, pelo menos em proporção.

Foi então que Sua Santidade já no trono, instalado ao fundo da Basílica, dirigiu em francês a palavra a todos os jocistas, mergulhados agora em profundo silêncio. Após ter lido o discurso, o Santo Padre deu a Bênção em diversas línguas. Com que respeito e fé aquela Bênção foi recebida! Que hora aquela tão al-

ta! A alma, de entusiasmada, nem cabia no corpo. Foi sem dúvida a hora mais feliz da minha vida.

A audiência do Papa havia terminado; tendo o Chefe da Igreja já assomado por duas vezes à janela do quarto do Palácio; a multidão abandonava já a Praça. Contudo o entusiasmo não havia ainda diminuído. Seguiu-se a hora de confraternização luso-brasileira originada espontaneamente por um grupo de jocistas, ao qual se juntaram depois os mais num desfile em que as 2 bandeiras, Portuguesa e Brasileira, seguiram intercaladas e, no meio de vivas às duas Nações Irmãs e à JOC, que se ouviram sem cessar desde a Praça de S. Pedro até ao Castelo de S. Angelo. Daqui ao Colégio Português foi um salto.

Sardinha

Património dos Pobres +

Continuação da PÁGINA UM

sala são uma novidade feliz. Passámos ao lado do Estoril, onde brevemente se vão construir muitas, e fomos ver um casal de gigantes a acabar, com os olhos em Deus, a casinha da sua felicidade. Conversámos ali com as Irmãs Doroteias que andam esperanças em resolver um pouco da situação de Linhó. No último domingo de Agosto foi a entrega das três primeiras de S. Martinho do Porto. Foi uma festa familiar e cristã. O Senhor Presidente da Câmara de Alcobaça, que ajudou quanto lhe foi possível, fez votos para que todas as freguesias do seu conselho dêem abrigo a seus pobres. São também os nossos votos.

O segundo giro foi pela Beira Alta e Beira Baixa. A primeira freguesia foi Vila Nova de Tázem. Estavam os Vicentinos com o Pároco. Es-

tão duas habitadas e seis em acabamento. Os Párocos de Lagarinhos e Cativelos estão também empenhados em construir. Deus os ajude.

Dobrámos a Serra da Estrela e descemos a Manteigas. Vimos as duas já habitadas, com horta e flores vigorosas, visitámos também o terreno onde vão ser construídas mais. Em Teixoso estão as três primeiras prontas e terreno à disposição para quantas forem necessárias. O Sr. Prior pensa num Calvário. Os seus paroquianos vão ajudá-lo. Na Covilhã são já quinze. No Torozendo vão entregar mais 4 e ficam com quarenta e uma. O Pároco do Paúl queria já ter começado, mas o Santuário da Senhora das Dores tem-no absorvido. Se até aqui aquela região da Beira Baixa era rica em Santuários agora ficou mais rica. Se as casas do Património que ali há-de ser feitas ficarem naquele estilo, oh encanto das Beiras!

No dia seguinte foi uma corrida até Medelim. Depois de muitas povoações com aspecto velho do abandono, Medelim surge graciosa e alegre, dando-lhe mais um tom de beleza as quatro casas do Património. Quisemos também ver o Centro de Assistência. Paire ali o espírito de Pai Américo e a delicadeza e espírito prático das Criaditas dos Pobres. Tudo e tão bem e tão impregnado de amor! Graças a Deus! Até pela merenda para a nossa viagem, que demorou mais quatro horas por causa da direcção da Opel! Graças a Deus! No domingo passado foi festa na Marinha Grande. Mais famílias que foram contempladas com casa e os doentes que vieram e sentiram a abertura da Casa do Doente. É a primeira no género em Portugal. Por causa dela o Pároco tem passado horas amargas. O Calvário é assim.

P.e Horácio

externa, onde cada uma recebe 100\$ mensais. A criança era ilegítima, por não ter pai». Agora, passará também a ser «ilegítima, por não ter mãe». Quero dizer, a mãe entregou-a e abandonou-a. De ilegítima, passou a ser órfã, por já não ter pais. Não há maior orfandade que ter pais e viver, como se os não houvesse!!!

A mãe solteira aprendeu, pela sua triste experiência, que todos os filhos que vier a ser, os pode entregar a tais organismos assistenciais, sem mais se preocupar. Ora isto é porta aberta a todos os desvarios. Amanhã facilmente tornará a pecar. Se a solteira é mãe, porque não há-de conhecer as lágrimas das mães? Os trabalhos e cansaças das mães? Ela tem um direito e dever, consequência da maternidade, a que não pode alhear-se: tem de educar seu filho. Ora se as mães desejam os ilegítimos, por causa dos 100\$00 mensais, teriam as solteiras a tentação de os entregar ou abandonar, se os pudessem criar, contando com a mesma mensalidade? Assim não se constrangiria a natureza. A solteira sentiria um amparo e os filhos seriam para ela uma defesa contra os perigos que lhe possam advir. E se esta mensalidade não fosse tirada ao erário público, mas, sim, ao pai do ilegítimo, então, a ordem das coisas seria respeitada e a cada um se pediria contas das suas acções.

Fala-se na reforma do Código Civil. Será agora que estes problemas se procurarão resolver? Ou o nome de Deus e de seu Filho será posto à margem? Sem Deus, onde a Justiça? Onde a paz?

Padre Aires

Orfãos, até quando?

Foi há tempos. Uma mulher pobre procurou-me. Tinha tudo encaminhado para ser ama dum ilegítimo. Era só ir buscá-lo ao Hospício. Trata-se dum negócio «honesto», próprio desta região pobre; não de caridade. São 100\$ mensais certinhos. Para a mulher pobre seria uma grande ajuda. Para a nossa Conferência Vicentina, um alívio, pois tratava-se duma socorrida. Mas neguei-me a colaborar em tal negócio, não obstante os seus porfiados rogos e miséria. Noutras ocasiões, e com outras, fui o culpado de não entrarem em Ordens três ilegítimos. Aqui dão-se a mão a miséria material e a moral. Os ilegítimos não faltam. Ora para quê povoar este lugarejo com mais? Para quê dar a impressão de que tudo isto é natural, tudo está bem, se não está? Se tudo anda fora das leis de Deus? Temos de limpar nós

doas, ou continuar a manchar? O ilegítimo é uma nódoa social. É pregação viva duma desordem moral. E, quando se multiplicam, sem que se veja a aplicação de sanções, então esta desordem será tida como a nova ordem social e cair-se-á no mais puro paganismo.

Já que, por falta de lei para os que não sentem a consciência, o ilegítimo não é um encargo para os progenitores, será um peso para a sociedade. E assim se multiplicam as creches, asilos, hospícios. Dispendem-se caudais de dinheiro com os educandos e funcionários. Podem apresentar-se números estatísticos, dizendo que alguma coisa se fez neste capítulo da Assistência, quando, afinal, se partiu dum falso suposto, a «legitimação» dum crime — o ilegítimo. Roubar ou matar é um crime. E chamar à vida, não respeitando as leis de Deus? Amanhã o «sem-pai» transitará do banco dos réus para a cadeia. Os Tribunais julgam, mas não fazem justiça. Cá fora, continuará a gozar a luz do sol aquele que voluntária e ilegítimamente recebeu a paternidade e a procurou, depois, alijar, como se o pudera fazer. O culpado em paz. A vítima a ferros. Oh injustiça! Se os tribunais não podem fazer justiça por falta de leis que punam os crimes, façam-se as leis ou fechem as portas por não poderem exercer a sua finalidade. E se as leis não forem simples e práticas, será tudo perdido. Antes do ilegítimo, julguem-se seus pais. A justiça humana, reflexo que deve ser da Justiça de Deus, peça-lhes contas. E se são irresponsáveis, ponham-se em estabelecimentos assistenciais próprios. Diminuirão assim os vadios, os gatunos, os assassinos, porque diminuirão também os pais ilegítimos.

x x x

As coisas passam-se assim. Uma solteira teve um filho? Não tem casa própria, por ser servil doméstica? A família da infeliz não tem proventos suficientes para criar a criança? Entregue-a a organismos especiais de assistência, com serviços de criação

A JOHANNISBERG

Nos primeiros dias foi preciso sentinela alerta para dar conta dos curiosos. Agora a máquina entrou no rol das coisas banais. Ainda assim, à cautela, um talique de madeira protege a sala nova da impressora nova de qualquer excursão dos compositores.

Mecânicos e electricistas andam em roda viva. De hora a hora vê-se a máquina crescer. Mas são tantas peças, tantas... que sempre falta mais uma para colocar.

Os montadores têm feito quanto podem para nos darem a máquina pronta para este jornal. Mas não foram capazes. Será o próximo, se Deus quiser, salvo cataclismo que de verdade se não espera.

— A festa do Nascimento da Virgem Santa Maria foi a festa do nascimento dum rebentinho novo na Obra da Rua. Abel e Idalina fundaram o seu lar. Da seiva da velha «raiz» ele se alimenta. Nós queremos e esperamos que a seiva não há-de circular inútilmente e que a jovem família, por sua florescência, oferecerá ao velho «tronco» novos pulmões a purificar e rejuvenescer a velha seiva. É assim que entendemos e assim que aspiramos a respeito destes rapazes que vão casando e ficam a servir a Obra. Elas, enriquecendo-os pelo cumprimento da sua vocação ao Matrimónio, enriquecem a Obra que eles servem como Mãe que em pequenos os apertou ao seio e continua sempre velando..., agora também por elas. A

vai servir os seus irmãos mais novos como chefe da alfaiataria. Noivos missionários... Que o Senhor da Messe abençoe a sua missão.

O Filipe, o «Pretita», o mais novo dos três irmãos «Pretas», dos quais um já é casado e o outro está na tropa, veio por aqui há uns domingos. A meio da tarde batem à porta do escritório de Pai Américo, aonde trabalhava. Eram ele e seu grande amigo, o «Formiga». Os dois têm a mesma idade. Entraram na Casa quase ao mesmo tempo. Foram sempre companheiros nas obrigações. Daí a grande amizade, que a separação de agora em nada quebrou.

O «Pretita» está mais homem. Tra-

MISTAS DE DENTRO VISITAS DE DENTRO

Obra é Mãe; não é sogra nem madrastra. Se elas viessem a ser estorvo à doação deles é que não tinham compreendido, nem comungavam no ideal mais nobre dos seus maridos. Era a unidade familiar, a felicidade matrimonial, ame-

balha numa oficina e tem cumprido. Já não é pesado à Avó, de quem é companheiro. Eu já o não via há tempos. Fiz-lhe festa. «Pretita» justifica: «Eu venho muitas vezes, que aqui para mim é a minha Mãe».



O Abel e a Idalina, que uniram para sempre as suas almas, fundindo-as em mais um ele forte da nossa Obra. Em torno do altar, não nos esqueceremos de agradecer ao Alto mais este benefício recebido.

açada no seu cerne. Mas não. Nem o passado nos deixa temer, nem o futuro; muito menos este futuro nascido hoje, dia em que nasceu a Virgem Santa Maria.

Tudo correu muito simples, à nossa moda. Comunidade reunida à hora habitual em torno do Altar de Deus. Alguns amigos, dos de todas as horas. Foi mesmo entre estes que Abel foi escolher os Padrinhos.

Depois, cá fora, flores, bagos de arroz, abraços e fotografias.

Depois o cafêzinho melhorado e a presença dos mais próximos candidatos ao «dar do nó»... para verem como é!

Depois Abel e Idalina partiram, por Fátima, a caminho do Tojal, onde ele

Ora o Filipe fugiu. Saiu pelo seu pé há perto de dois anos. Dir-se-ia que foi zangado ou tinha razões para isso. Pois não senhor: «Eu venho muitas vezes, que aqui para mim é a minha Mãe».

Oh pedagogos e metodólogos e sociólogos e todos os senhores doutores dos grandes planos que não costumam sair do papel!, ouçam o «Pretita» e aprendam de cór o seu depoimento e meditem de coração puro e simples a força da Família a que Deus preside: «Eu venho muitas vezes, que aqui para mim é a minha Mãe».

O meu chefe de Gabinete já foi à tropa e ficou recusado. Isto lhe serve de certidão de idade.

Pois numa noite destas eu ia pelas Casas, como fazia sempre em vida de Pai Américo, e agora menos que o tempo e as forças nem sempre dão; eu passava pelas Casas — ia dizendo — e parei naquela onde ele mora. Lia, Lia o quê? «A visita do gatinho preto»!

Eu quis tirar ao certo o valor da história e li e classifiquei: «para menores até aos dez anos».

Mas não é tudo. Continuando a minha ronda subi a Casa 3 de cima. Roque, em sua cama, lia também uma história do mesmo quilate. Ora Roque é um pouco mais novo, mas já namora. E sucede até que nos impedimentos do Bonifácio é ele o meu secretário. Ora vejam os senhores como não há-de ser a minha secretaria!

Como não há-de ser?!... Por vezes é mesmo uma grande desordem!

Outro dia eram uns senhores da Companhia dos Telefones que queriam cá vir falar comigo e perguntavam dia e hora.

Mandei responder. Pois foi-lhes comunicado que eu lá estaria naquele dia e naquela hora. Claro que eu não apareci. E os senhores à espera, à espera... Até que telefonam de novo dias mais tarde:

— Afinal não apareceu...

— Isso digo eu dos senhores...

Vai-se a ver, nem eles nem eu faltáramos à palavra. Tinha sido o Bonifácio com o recado às avessas.

Pois apesar disso prosápias não lhe faltam. Há dias estava às voltas com provas da «Voz dos Novos». Ele entra e mete o nariz. Eu pergunto-lhe o que tem ele com o assunto. E ele com uma fleugma mais que britânica: «Sr. Padre Carlos, eu sou o Chefe de Redacção da «Voz dos Novos»! Ele o leitor da «Visita do gatinho preto»!!

Eu estava no banco do Pai Américo, no Jardim da Casa 3, a rezar o Breviário. Atrás de mim era uma grande chilreada. Quis não atender. Eu estava a rezar...

Quis..., mas a carne é fraca e o chilreio continuava e eu fui espreitar. Eram o Tónio, o Careca e o Figueiredo, de joelhos em terra e nariz metido numa gateira da Casa 2. Vou de mansinho até ao pé deles e pergunto.

«Ora veja...» E eu tive de ajoelhar e meter o nariz na gateira e vi: uma garnizé e sua ninhada de pintainhos.

Em meio de Agosto foi o retiro. Daniel já disse: primeiro os médios, depois os mais velhos.

Quando da vez destes últimos a Casa ficou sem um grande sequer. Nenhum dos Chefes, nem eu, nos lembráramos de tal ao fazermos o elenco dos dois turnos. Era tarde quando dei fé. Ficou apenas um sub-chefe, esse de 16 anos, o Fabião. Não havia que escolher e Fabião assumiu o comando maior durante aqueles dias. Zé Lemos olhou pelos «batatas». Eu fiquei como chefe da Casa 3 de baixo.

E podem ficar cientes os senhores que naqueles dias tudo correu com a

normalidade desejada na Casa do Gaiato.

Que força de ordem a desta «desorganização organizada»!

Mas nem todas as notícias são assim risonhas. A exultação da colheita é fruto das lágrimas da sementeira, a confirmar o Salmista. E como para nós é sempre tempo de sementeira...

A «desorganização organizada», que tem posto ordem nas almas de tantos rapazes, não remedeia 100%. Aliás tal rendimento não pertence a este mundo.

Sucede — e tem sido aqui dito muitas vezes — que alguns não aproveitam e escolhem o pior caminho.

Ainda há dias me encontrei com um destes no Lar. Já o não via há muito. Desfigurado, envelhecido — fizeram-me dor aqueles vinte e poucos anos.

Vinha por uma carta para um emprego. Ora que lhe podia passar eu? Que havia de dizer dele? A verdade? Mas então melhor seria o silêncio. E não podemos comprometer o nome da Obra, mascarando a realidade.

Ele foi e eu fiquei ali, impotente, sentindo a trágica sucção do abismo ao abismo.

O que nos dão no TOJAL

O Francês fugiu. Mercê de boas provas na Casa de Setúbal, veio a empregar-se em Lisboa, residindo no Lar da cidade. Prosseguiu exemplar. Mas ele era da rua e a sedução da mesma tentou-o e para ela tornou. Fugiu, pois, o Francês.

Porque estamos por eles e para eles magoam-nos estas saídas desairosas de quem ainda não pensa maduramente. São aventuras da juventude.

A liberdade é dom de Deus a valorizar sobremaneira o Homem.

Ora, nós respeitamos no rapaz tudo quanto nele é grande e pode vir a servir-lhe de alavanca para a construção do futuro. Por meio da liberdade muitos escolhem o melhor e são dignos de alto merecimento aos olhos de Deus e do mundo. Em contra-partida muitos outros arruinam-se por via dela. A liberdade é arma que nas mãos do Homem pode voltar-se contra ele próprio e causar-lhe a morte. Apesar disso Deus respeita-a. Não se poupa a esforços para salvar o Homem, mas nunca o força. Não o quer de modo algum automático. Deixa-o preferir e assumir depois a responsabilidade. Com idêntico sentimento em face da liberdade, também fornecemos dados com que os rapazes hão-de jogar as horas da vida e os passos dela. Contudo, preferência e decisão é com eles. Não perfilhamos o constrangimento do internato vulgar. Se unicamente forçamos ao trabalho, temos em vista o aproveitamento útil do tempo e a preparação do futuro dos jovens. O trabalho aparece, pois, como condição de estadia; nunca, porém como coacção. Cada qual será o que pretender.

Ao homem compete escolher a vida. Não é o destino que a traça. Ninguém é